

Três poemas

Ruy Espinbeira Filho

NO SILÊNCIO

No silêncio repousa o seu cansaço.
Tudo é imóvel na tarde,
a não ser,
numa réstia de sol,
um vago pó girando
sobre
o silêncio maior das almas
fechadas nos livros
das estantes.

Repousa. Fecha os olhos.
E, lentamente,
recomeça a compor outro passado.

CANÇÃO DA MOÇA E DO SONHO

a Neyla, *in memoriam*.

Com que sonhavam, no baile,
seus olhos semicerrados?

Há mais de quarenta anos
foi tirado este retrato:

a moça em vestido casto
e luz de sonho no olhar.

Com que essa moça sonhava
nesse intervalo de baile

e de maneira tão clara
que os olhos quase fechavam?

O que — ou a quem — contemplava
o sonho no seu olhar?

Há mais de quarenta anos,
como era serena a face

voltada para esse sonho
(moça e sonho: face a face).

Que sonho nela sonhava,
e que tanto a iluminava?

Não importa. Importa a face
doce; e, nos semicerrados

olhos, a canção do sonho.
Importa que houve um sonho

e o resplendor dessa face
— antes que o tempo passasse.

SONETO DA LUA ANTIGA

De repente ficamos muito antigos.
Em teu olhar ainda reluz a lua,
porém distante, sobre antiga rua
de onde me vêm farrapos de cantigas

antigas como nós. Um desabrigo
me ofende a alma ao pensar-te nua
agora, sob a luz dura da lua
que não é a outra lua, a lua antiga

que do teu corpo retirava o brilho
com que inundava o céu e a minha vida
em vastidão de amor, cálida lua

que já não vem — ou só como esbatida
lembança dos teus olhos, desde quando,
de repente, ficamos muito antigos.